# Uma análise discursiva crítica e dialógica de notícias sobre o "*Brazil*" na Copa do Mundo de 2022

Marcos Luis Gomes Maciel
Universidade de São Paulo, Brasil

Deize Crespim Pereira
Universidade de São Paulo, Brasil

## Introdução

O presente texto tem por objetivo analisar as representações do Brasil em notícias da imprensa de língua inglesa, publicadas durante a Copa do Mundo do Catar de 2022, à luz de pressupostos teóricos retirados da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) de Fairclough, do Dialogismo de Bakhtin e da Linguística Cognitiva, mais especificamente, da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff.

Para tanto, formamos um *corpus* de notícias da Copa, que continham "*Brazil*" e termos relacionados à brasilidade, publicadas entre 20 de novembro e 18 de dezembro de 2022, em cinco jornais: *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal*, *The Guardian* e *The Financial Times*.

Quadro 1. Notícias do *corpus*

| SIGLA | JORNAL |
|---|---|
| NYT | *The New York Times* |
| WP | *The Washington Post* |
| WSJ | *The Wall Street Journal* |
| GUA | *The Guardian* |
| FT | *The Financial Times* |

Fonte: elaboração própria.

A escolha destes periódicos está relacionada à nossa pesquisa de mestrado (em andamento) em que tecemos maiores considerações sobre

como a imprensa em língua inglesa articula o contexto do futebol com o da política brasileira, especialmente durante o bloco histórico dos anos 2013-2023 em que notamos profundas mudanças discursivas na esfera pública brasileira.

## 1 Quadro teórico

Para a interpretação dos dados que compõem o *corpus*, tomamos como base pressupostos retirados de diferentes teorias: A ADC, na perspectiva de Fairclough, o Dialogismo de Bakhtin e a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff. Concentraremos nossa exposição nos termos e conceitos-chave utilizados em nossa análise: heterogeneidade, hibridismo, metáfora e metonímia.

Seguindo uma tradição de estudos críticos do discurso que irromperam na esteira da Linguística Crítica na década de 1970 (Wodak; Meyer, 2016), a abordagem do linguista britânico Fairclough propõe-se a analisar o discurso como uma prática social que permeia os textos e suas condições de produção, tanto no contexto social mais imediato quanto no das instituições e estruturas sociais mais amplas (Fairclough, 2001[1989]). Fairclough denomina sua teoria-método de ADC para enfatizar que a crítica do discurso, elucidando as relações deste com o poder e ideologias de dominação, pode contribuir para a ação e a mudança social (Fairclough, 2018, p. 13).

No compromisso de explicar a causalidade das desigualdades e os diversos tipos de sofrimento da vida social, a ADC busca interpretar como "*as ideologias se imbricam na linguagem*" e se impõem sobre a sociedade, uma vez que a linguagem "*é a forma mais comum de comportamento social*" (Fairclough, 2001[1989], p. 2). Essa observação guarda clara relação com a de Vladimir Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem*: "*o caráter sígnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos*" (Volóchinov, 2017, p. 94), o que pretendemos evidenciar com os exemplos extraídos de textos jornalísticos para este trabalho. A propósito, em *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001b, p. 72) destaca a importância fundacional do dialogismo para se entender a constituição heterogênea dos textos, assim como operacionalizar os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade: em síntese, respectivamente, a relação entre textos, e a relação entre diferentes

tipos de discursos (Fairclough, 2001b, p. 72). Estas imbricações entre textos e gêneros discursivos estabelecem o que Bakhtin denomina "relações dialógicas" (2016, p. 92), que se amplificam a ponto de se realizarem como hibridismos (morfossintáticos e discursivos) em certos enunciados: "*textos são com frequência híbridos intertextualmente, misturando gêneros e discursos, e tal capacidade híbrida fica manifesta em traços linguísticos heterogêneos*" (Fairclough, 1995, p. 33).

Para Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (2006), a metáfora não é só uma questão de linguagem, ela condiciona o modo como compreendemos o mundo, já que nosso sistema conceptual e nosso pensamento são largamente de natureza metafórica. A metáfora consiste em entender um domínio da experiência em termos de outro. Citando um exemplo relacionado ao nosso objeto de estudo, o futebol pode ser metaforicamente conceptualizado em termos de guerra, ou de dança, entre outros (Pereira, 2006). As metáforas conceptuais FUTEBOL É GUERRA e FUTEBOL É DANÇA geram, respectivamente, expressões metafóricas que ouvimos cotidianamente no contexto do futebol: como atacar, defender, soltar uma bomba (para se referir a um chute forte); e chamou para dançar (referindo-se a um tipo de drible) ou deu um baile (em referência a uma jogada ou uma vitória arrasadora sobre o adversário [ver Pereira, 2006, p. 129-132]). Este processo cognitivo nos leva a focalizar determinados aspectos do domínio em detrimento de outros. A metáfora da dança chama atenção para a qualidade artística do futebol, já a da guerra focaliza sua natureza competitiva, a qual é metaforicamente entendida como uma luta. Os exemplos citados são denominados metáforas estruturais (um conceito é metaforicamente estruturado em termos de outro). Além destas, nosso *corpus* contém também metáforas ontológicas (eventos, ações, objetos, ideias, etc. são metaforicamente compreendidos como uma entidade ou substância), mais exatamente instâncias de personificação (um objeto é metaforicamente entendido como uma pessoa, processo através do qual lhe são atribuídas características humanas).

A metonímia, por seu turno, consiste em usar uma entidade para referir a outra, a ela relacionada; exemplos: "A Casa Branca não está dizendo nada"; "Os ônibus estão em greve"; Ele tem um Picasso na casa dele (Lakoff; Johnson, 1980, p. 38, tradução nossa) – respectivamente, O LUGAR PELA INSTITUIÇÃO,

O OBJETO PELO CONTROLADOR, O ARTISTA PELA OBRA. Embora sua função seja primordialmente a referência, em que uma entidade representa a outra, a metonímia também condiciona a compreensão de nossa experiência, já que conceptualizamos uma coisa por meio da relação que esta tem com outra. No exemplo do Picasso, a referência ao artista evoca ele próprio, sua técnica, sua importância, sua história, etc. e relacionamos isso tudo ao quadro. Lakoff (2006) enfatiza que tanto as metáforas quanto as metonímias são condicionadas pela cultura, ou seja, são culturalmente específicas.

## 2 Análise dos dados

Ao examinar o *corpus*, o primeiro aspecto que chama a atenção é a grande frequência de termos retirados do português brasileiro nos textos em inglês, conforme ilustrado nos exemplos a seguir[1].

> (1) *"I come from a family that loves* ***samba****. I think I have a little Brazilian* ***ginga*** *[broadly: a sensual shimmy], something in the hips."* (FT, 22 nov 2022)
>
> (2) *The legendary Brazilian winger Garrincha saw opposing defenders as interchangeable nonentities, whose job was to act as his straight men – "****Joãos****" (Johns), he called them – and Neymar plays in that spirit. It outrages him when some* ***João*** *spoils his dance with a foul.* (FT, 23 nov 2022)
>
> (3) *The divide is ripping at the seams of the* ***canarinho****, the once-sacred "little canary" shirt, which was co-opted as campaign wear before, during and after the vote by supporters of the "Trump of the Tropics" – election loser Jair Bolsonaro.* (WP, 23 nov 2022) ["A divisão está rasgando as costuras da canarinho, a outrora sagrada camisa que quer dizer "pequeno canário", cooptada como uniforme de campanha antes, durante e depois das eleições pelos apoiadores do "Trump dos Trópicos" – o candidato perdedor Jair Bolsonaro.]
>
> (4) *Richarlison initiated the sequence by juggling the ball on his head, flicking to a teammate and then taking the return pass and curling it into the far post.* ***Jogo bonito*** *at its* ***bonitoest****.* (NYT, 05 dez 2022) [Richarlison inicia a jogada fazendo embaixadinhas com a cabeça, tabela com um companheiro e recebe de volta para colocar a bola no canto do gol. É o jogo bonito no nível mais *top*.]
>
> (5) *Brazil will face Croatia in the World Cup quarterfinals on Dec. 9. So,* ***tudo bem****? Not exactly*. (WSJ, 05 dez 2022)
>
> (6) *When a 17-year-old Pelé and the winger Garrincha inspired them to their first World Cup victory in 1958, the song* ***A Taça do Mundo é Nossa*** *– The World Cup is Ours – left no doubt about the vital importance of music to the team's success: "The Brazilian has shown off true football abroad; he has won the World Cup dancing the* ***samba*** *with the ball at his feet."* (GUA, 06 dez 2022)

[1] A partir daqui, as traduções serão livres, de nossa autoria. Por limitação de espaço, traduziremos (entre colchetes) apenas os exemplos que forem mais relevantes para a compreensão do argumento. Nos exemplos de (1) a (6), o destaque são as palavras em português.

Quadro 2. Ocorrências de termos do português brasileiro no *corpus*

| JORNAL | TERMOS DO PORTUGUÊS |
|---|---|
| FT, 22.11.22 | samba; ginga; "Joãos" |
| WP, 23.11.22 | canarinho; Bolsonaristas; hexa; favela |
| GUA, 24.11.22 | canarinho; Bolsonarista, Seleção; Bolsominion |
| GUA, 06.12.22 | samba; miudinho; Seleção; capoeira; *A taça do mundo é nossa* |
| NYT, 05.12.22 | Seleção; favela; jogo bonito |
| NYT, 09.12.22 | jogo bonito; Seleção, samba |
| WSJ, 05.12.22 | telenovela; Seleção; tudo bem? |

Fonte: elaboração própria.

Esses signos de heterogeneidade estão presentes sempre que se fala em futebol brasileiro, não se restringindo a citações em discurso direto (como a fala de Neymar, no exemplo (1), ou a títulos de canções ("A taça do mundo é nossa", exemplo (6), e são marcados quase que unanimemente na forma itálica. Tais termos remetem tanto ao domínio do futebol (*Seleção*, *jogo*, os "*Joãos*" marcadores, *hexa*, *canarinho*) quanto a elementos externos ao jogo (*samba*, *ginga*, *capoeira*, *favela*, *telenovela*, *Bolsonarista*), numa relação dialética entre texto e sociedade (Fairclough, 2001[1989], p. 19). As escolhas lexicais dos autores em transportar várias de nossas palavras para o ambiente textual da língua inglesa expressam uma expectativa em relação à atuação da Seleção. Como que para ilustrar a dialética das práticas sociais (Fairclough, 2001[1989]), estas notícias e artigos sobre "*The Seleção*" na Copa encaixam termos do português brasileiro que remetem a elementos de outros domínios da experiência (notadamente, a dança) para dissertar sobre o talento singular dos jogadores brasileiros. Neste ponto, também há diversos parágrafos dedicados ao passado de glória futebolística, com referências constantes a jogadores lendários como Pelé, Garrincha, Domingos da Guia, Ronaldinho, Romário etc., que fizeram com que o termo "Seleção" fosse o mais frequente, nem sempre italicizado, e por isso praticamente um sinônimo de Brasil. Assim, a motivação que está por trás do uso de termos do português é provavelmente o "capital simbólico", para utilizar a expressão de Bourdieu (1989), que a conquista de 5 copas do mundo representa: ainda uma hegemonia em um campo de disputas de impacto global. Esta singularidade pode explicar a espécie de "aura" – expressão que se associa à "magia e técnica" na obra de Walter Benjamin (1994) – que paira em torno da Seleção e sua iconografia: cores, uniforme, bandeira, camisa, jogadores, torcedores – símbolos que metonicamente

invocam o Brasil e, ironicamente, no atual momento identificam "*os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura*" (Benjamin, 1994, p. 70) de nosso futebol.

Simbolicamente, Pelé é constantemente mencionado e reverenciado como "*The King of Football*", ou "o Rei", em português. Então internado e a poucos dias de sua morte, após o término da Copa, Pelé está interdiscursivamente conectado à segunda expressão mais recorrente no *corpus*: "jogo bonito". Esta frase simples, ao que parece, foi cunhada por Pelé em inglês ao responder um repórter americano sobre o que era o "*soccer*". Em sua biografia, Pelé (2014) nos conta que sua intenção foi diferenciar "soccer", termo que lhe causava estranhamento, do "*football*" jogado nos Estados Unidos, o que também lhe causava estranhamento por saber que "*football*" vinha do inglês e designava futebol em todo o resto do mundo, menos lá nos EUA. Daí, sua resposta: "*It's the beautiful game*", que se tornou uma expressão para o próprio futebol. A expressão traduzida, "jogo bonito" ganhou repercussão global através de uma campanha publicitária de uma empresa de materiais esportivos, a Nike (Goldschmitt, 2011), com anúncios na televisão, sob o som da música "Mas que nada", de Jorge Ben Jor, ou enormes painéis de grafite, espalhados por várias cidades do mundo, fazendo o substantivo "jogo" variar para "joga", "joga bonito", e, em nosso *corpus*, criando o neologismo "*bonitoest*" (exemplo 4), que une o adjetivo em português à desinência de superlativo da língua anglo-saxã.

A heterogeneidade exemplificada até aqui, com o uso de vocabulário do português e elementos da cultura brasileira na composição de textos da imprensa de língua inglesa, constitui uma forma de render homenagens ao futebol brasileiro ainda hegemônico, não apenas pelos cinco títulos mundiais, mas também como uma fonte sempre produtiva de citações lexicais ou imagéticas da memória coletiva contemporânea. O próprio capital simbólico desta hegemonia está em disputa não apenas nas partidas da Copa, mas também na vida social brasileira: longos artigos do *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal*, *The Guardian* e *The Financial Times* detém-se sobre o cenário de polarização político-ideológica na esteira das eleições presidenciais do mês anterior (outubro de 2022), ressaltando a continuidade desta divisão através da torcida pela Seleção brasileira. Esta

narrativa de crise seguida da explicação da mesma compõe uma mistura de gêneros que Fairclough (2003, p. 34) chama de "**hibridização" -** ou hibridismo interdiscursivo.

No âmbito específico de nossa pesquisa, a hibridização revela-se como uma fusão da crônica futebolística e da crônica política. Aqui chegamos ao ponto que nos últimos anos reverbera com tanta intensidade entre os torcedores acerca da iconografia do futebol brasileiro, mais especificamente a camisa "canarinho", também tipicamente chamada de "amarelinha" no jargão futebolístico. Inegavelmente, na história recente brasileira, este tradicional símbolo do futebol mundial tornou-se uma vestimenta representativa das pessoas que integram movimentos antidemocráticos no Brasil e que põem em circulação discursos autoritários e de certa pretensão protofascista que culminou com a ascensão do ex-presidente do Brasil ao poder em 2018.

Os artigos dos jornais examinados se propõem a narrar a divisão da sociedade brasileira, tomando o futebol como um potente espaço de representação ideológica a partir da icônica "amarelinha". Retomemos do exemplo (3) traduzido acima o trecho "*ripping at the seams of the canarinho*" (rasgando as costuras da canarinho), e outras instâncias que remetem a esta divisão.

> (7) *Brazil's* ***toxic*** *politics* ***stain*** *a soccer icon: The national team jersey* (WP, 23 nov 2022) [Clima **tóxico** da política brasileira **mancha** um ícone do futebol: a camisa da Seleção]
>
> (8) *Can Brazil's Divisive Team Unite a* ***Fractured Nation****?* (NYT, 01 dez 2022) [A divisão da seleção brasileira conseguirá unir uma **nação fraturada**?]
>
> (9) *Will the team's run this year serve as a time of national* ***healing****? Or will it crystallize the way the era of* ***toxic*** *politics – overheated personal attacks, violence between voters, the unfounded accusations of a stolen election – can leave lasting* ***wounds*** *on a nation?* (WP, 23 nov 2022) [A participação da equipe nesta Copa servirá como um momento de **cura** para o país? Ou vai se cristalizar na forma como a era da política **tóxica** – ataques pessoais inflamados, violência entre eleitores, acusações infundadas de fraude nas eleições – pode deixar **feridas** duradouras numa nação?]

Em primeira análise, os textos chamam a atenção para a disputa ideológica em torno da camisa da Seleção brasileira, reconhecidamente um ícone do Brasil no mundo globalizado. A divisão do país no plano político se materializa no plano simbólico do esgarçar da camisa (exemplo 3). O exemplo (7) enfatiza e generaliza a nocividade da política brasileira através de uma metáfora ("*toxic politics"*), cujo efeito contaminoso "mancha" o ícone do futebol

("*stain a soccer icon*"). A manchete do exemplo (8) aprofunda a gravidade destes embates, localizando-os em meio à própria Seleção brasileira ("divisive team"), ao mesmo tempo em que também se vale de uma expressão metafórica para descrever a sociedade brasileira: "nação *fraturada*" ("*fractured nation*"). Relacionada à metáfora da lesão e traumatismo, está a de doença (exemplo 9). Com tais metáforas (veneno, doença e fratura do corpo social), o leitor destes jornais, majoritariamente falantes nativos de inglês, são levados a inferir a centralidade que o futebol brasileiro ocupa na vida social brasileira em sua capacidade de "curar" as "feridas" de uma nação enferma, ou pelos menos alijada de um importante símbolo nacional reconhecido globalmente.

Todos os textos descrevem o clima de polarização política e certa paranoia pública que paira sobre os torcedores brasileiros que assistem à Copa logo após um pleito presidencial pelo qual a "extrema direita" (*far right*), representada por Bolsonaro, fora derrotada pelos "progressistas", que escolheram Lula como representante.

Esta polarização é evidenciada nas diferentes vozes da sociedade que falam nestes artigos, os quais apresentam como interlocutores pessoas comuns, assim como especialistas e também políticos, trazendo suas vozes entre aspas. Especificamente, as matérias do *The Washington Post* (23 nov 2022) e do *The Guardian* (24 nov 2022) ilustram as posições antagônicas ligadas ao uso da camisa canarinho:

> (10) *Priscila Motta: "I am not ready to wear this shirt yet"; "I don't want to be confused with a Bolsonarista."* (GUA, 24 nov 2022) ["Ainda não estou pronta para vestir esta camisa [novamente]"; "Não quero ser confundida com um Bolsonarista"]
>
> (11) *Omar Monteiro Jr.: "I have a yellow shirt. I used to wear it," Monteiro said, but "man, it's very difficult [now]. The way they appropriated the shirt. It's embarrassing to wear it. It's become the symbol of the Brazilian extreme right."* (WP, 23 nov 2022) ["Eu tenho uma camisa amarela que costumava usar", disse Monteiro, mas "cara, [agora] está difícil. O modo como eles se apropriaram da camisa. É constrangedor. Virou um símbolo da extrema direita no Brasil"]
>
> (12) *Luiz Cláudio Pereira: "For me, the shirt represents Brazil, not the national team." (...) "I think it's a lack of patriotism," he said. "That's why they don't want to wear it. I don't think it's a symbol of Bolsonaro."* (WP, 23 nov 2022) ["Para mim, a camisa representa o Brasil, não a Seleção. Eu acho que falta patriotismo", diz ele. "É por isso que eles não querem vestir a camisa. Não acho que seja porque é um símbolo do Bolsonaro"]
>
> (13) *Milly Lacombe: "The yellow shirt is on the street calling for military intervention, calling for a coup d'etat, calling for the return of the dictatorship."* (WP, 23 nov 2022) ["A camisa amarela está nas ruas pedindo intervenção militar, um golpe de estado, o retorno da ditadura"]

Nestes discursos, temos a fala de progressistas que temem vestir a camisa amarela e serem confundidos com apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (exemplos 10 e 11), e, do lado oposto, a fala de partidários de Bolsonaro (exemplo 12), estes alegando que os apoiadores de Lula não vestem a *canarinho* por uma suposta falta de patriotismo. A camisa representa a nação, como fica claro no exemplo (13), em que a camisa, personificada via **metáfora e metonímia**, sai às ruas pedindo intervenção militar.

Tanto o *The Guardian* quanto o *The Washington Post* ressaltam um esforço conjunto de reivindicar ("resgatar", "recuperar") a camisa *canarinho* da "apropriação" da extrema direita. Nesta visão, os símbolos da camisa amarela, a bandeira e o hino brasileiro, são nacionais, e, portanto, não "pertencem" exclusivamente a setores determinados da sociedade brasileira.

> (14) *Lula: "[It] doesn't belong to one particular candidate. It doesn't* ***belong*** *to one particular party. Green and yellow are the colours of 213 million citizens who love this country."* (GUA, 24 nov 2022) ["[A camisa] não pertence a um candidato específico. Não **pertence** a um partido específico. O verde e o amarelo são as cores de 213 milhões de cidadãos que amam este país."]
>
> (15) *Marcelo Freixo: "The Brazilian flag, the Brazilian team and the national anthem have never* ***belonged*** *to the far right."* (GUA, 24 nov 2022) ["A bandeira, a Seleção e o hino nacional nunca pertenceram à extrema direita."]
>
> (16) *Reginaldo Lopes. "It's wrong for one … political faction to try and* ***appropriate*** *something which is a symbol for all Brazilians."* (GUA, 24 nov 2022) ["É errado uma… facção política tentar se apropriar de algo que é um símbolo de todos os brasileiros."]
>
> (17) *Leftwings Brazilians hope to* ***reclaim*** *football jersey from Bolsonaro movement* (GUA, 24 nov 2022) [Brasileiros de esquerda têm esperança de resgatar camisa da Seleção dos bolsonaristas]
>
> (18) *Milly Lacombe: "I may be wrong, but I think that the yellow shirt is irredeemable. I don't see how ... we can* ***recover*** *this shirt."* (WP, 23 nov 2022) ["Posso estar errada, mas acho que a camisa amarela é irrecuperável. Não vejo como... podemos recuperar esta camisa."

A própria Seleção, também por **metonímia**, seria um "microcosmo da polarização do país" (WP, 23 nov 2022). Os jogadores – como atores maiores da identidade nacional que o futebol oferece – estão hibridizados com os atores políticos. Vários dentre eles apoiaram Bolsonaro, e "da forma mais clara possível a maior estrela do time: Neymar", que teria gravado um vídeo na rede social TikTok cantando em apoio ao ex-presidente, assim como participado de uma *live* (no Youtube) com ele e até lhe prometido um gol. O artigo do *The New York Times*, por seu turno, traz o atacante Richarlison, autor de dois gols

na partida contra a Sérvia, como contraponto à posição de Neymar, assegurando a representação da "divisão da seleção brasileira": de um lado, a pauta progressista de combate a discursos excludentes de minorias, da causa ambiental e da responsabilidade do estado quanto à educação e saúde, e de outro os discursos que invocando o patriotismo excluem os demais.

> (19) *"We're divided," said Jorge El Assad, who has owned a jersey shop in downtown Rio de Janeiro for 40 years. He said sales were down about 20 percent from the last men's World Cup, the tournament in Russia in 2018. "A lot of people coming here don't even want Neymar's No. 10 jersey, because he supported Bolsonaro," he said. "That has never happened. Never."* (NYT 01 dez 2022) ["Estamos divididos", disse Jorge El Assad, dono de uma loja que vende camisas de futebol no centro do Rio de Janeiro há 40 anos. Ele disse que as vendas caíram cerca de 20 por cento em relação à última Copa do Mundo, na Rússia, em 2018. "Muita gente que vem aqui nem quer a camisa 10 do Neymar porque ele apoiou Bolsonaro", disse ele. "Isso nunca aconteceu. Nunca."]
>
> (20) (...) *after the match, talk of Richarlison partly focused on his left-wing politics, as well as his vocal support for Covid-19 vaccines. (Bolsonaro criticized the vaccine and still has not said whether he has received it.)* (NYT 01 dez 2022) [(…) após a partida, o assunto foi o posicionamento político de esquerda de Richarlison, e do seu apoio declarado à vacina da Covid-19. (Bolsonaro criticou a vacina e ainda não disse se a tomou.)]

A fala no exemplo (19) reitera a rejeição da camisa icônica e, especialmente, a de número 10 vestida por Neymar. Paradoxalmente, a polarização teria gerado um aumento de vendas da camisa da seleção brasileira, como documentado pelo *The Washington Post*.

> (21) *Nike, which produces the official shirt, did not reply to a request for sales figures. Reports in the Brazilian press suggest a surge in domestic sales ahead of Brazil's elections — in part driven by Bolsonaro supporters. But Brazil's alternate jersey, a shade of deep blue, has also gained popularity, especially among those bothered by the yellow and green shirt's association with the political right.* (WP 23 nov 2022) [A Nike, que produz a camisa oficial, não respondeu ao nosso pedido pelos números de sua operação de vendas. Reportagens da imprensa brasileira sugerem um aumento nas vendas antes das eleições no Brasil – em parte impulsionado pelos apoiadores de Bolsonaro. Mas a camisa do segundo uniforme do Brasil, um tom de azul profundo, também ganhou popularidade, especialmente entre aqueles que se incomodam com a associação da camisa verde e amarela com a direita política.]

Este trecho nos fornece uma chave de leitura alentadora não apenas para interpretar a crescente comodificação (Fairclough, 2001b, p. 151) do futebol, instando torcedores ao consumo de material esportivo, mas uma metáfora para a própria politização do futebol – e vice-versa, a futebolização da política. A Nike e outras empresas transnacionais celebram contratos com as instituições

nacionais que regulam o futebol em determinado país e assim garantem arrecadações bilionárias (a camisa oficial do Brasil durante a Copa custava em média R$ 350,00)[2] pela exclusividade na produção e no fornecimento do uniforme oficial. Segundo o jornal *O Globo*, a camisa foi "um sucesso de vendas no país e mundo afora", e aqui podemos inferir seguramente que este sucesso de vendas relatado pela Nike e o jornal brasileiro foi amplificado pela intersecção do futebol com a política: enquanto neste campo o ex-presidente brasileiro foi seu maior divulgador, vestindo a camisa até mesmo sobre um colete de balas em comícios "patrióticos" durante a corrida presidencial, no campo do futebol é a camisa que veste o grande protagonista do time brasileiro, Neymar, tão global quanto Messi, outro "garoto propaganda" da marca; aqui devemos destacar que as vendas da camisa não sofreram o impacto da divisão ideológica da sociedade brasileira: na verdade, o apelo ao uniforme da Seleção atravessa todo o espectro político uma vez que setores de esquerda se incumbem de uma campanha de reconquista da camisa (exemplo 17) e "cura" do sentimento nacional "ferido" pela "apropriação" engendrada pela direita política. Em meio a essa disputa está o fato de que é da mesma fabricante o uniforme azul a que os mais ressentidos podem recorrer, e assim o fazem, garantindo o "ganho de popularidade" da camisa azul, como reportado pela Nike. Em suma, tanto a politização do futebol quanto a futebolização da política, enquanto representações de afiliações divergentes, não afetam os interesses da corporação transnacional que fabrica a controversa camisa da Seleção, mas até mesmo reforçam estes interesses através das opções de consumo deste produto-símbolo do confronto de opostos ideológicos.

Já mencionamos o protagonismo de Neymar em seu apoio ao presidente, chegando ao ponto, como referido anteriormente, de dançar em um vídeo da campanha presidencial.

> (22) *In Brazil's recent elections, its star footballer endorsed defeated far-right president Jair Bolsonaro, even* ***dancing*** *to a campaign jingle*. (FT, 23 nov 2022) [Nas recentes eleições no Brasil, a estrela do futebol apoiou o presidente derrotado de extrema-direita, Jair Bolsonaro, até dançando ao som de um jingle de campanha.]

[2] GE (globo.com). *Camisa do Brasil da Copa do Mundo 2022: preço, modelos e onde comprar | seleção brasileira*. Disponível em https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2022/12/01/camisa-do-brasil-da-copa-do-mundo-2022-preco-modelos-e-onde-comprar.ghtml . Acesso 10 jan 2024.

> (23) *Neymar released a video* ***dancing*** *to a sort of anthem for the Bolsonaro campaign, and then he was interviewed by the president on a livestream.* (NYT, 01 dez 2022)

Poucos dias depois de noticiar a dança, o jornal *The New York Times* utilizou a metáfora "líder da banda" para descrever Neymar (FUTEBOL É MÚSICA, JOGAR É TOCAR):

> (24) *But now Neymar is quoting James Brown, and the* ***bandleader is playing*** *the classics: Argentina, the Netherlands, England, France. It's not even Monday, and already* ***the tune*** *has changed at the World Cup.* (NYT, 05 dez 2022) [Mas agora Neymar está citando James Brown, e o **líder da banda toca** os clássicos: Argentina, Holanda, Inglaterra, França. Ainda não é segunda-feira e **o tom** da Copa do Mundo já mudou.]

Fora da notícia o trecho soa um tanto enigmático, mas o texto como um todo compara os resultados imprevistos da fase de grupos com o suposto favoritismo das equipes tradicionais na fase que se iniciava, dos jogos mata-mata. Sem sequer citar o Brasil, o destaque é o hiperlink que leva a uma rede social de Neymar, em que o atacante cita um verso de um clássico do cantor James Brown e da música internacional: "*I feel good, I knew that I would now*" (Me sinto bem, eu sabia que ia ficar bem agora). Este momento intertextual é alusivo à recuperação de Neymar da lesão que o afastou de campo em duas partidas. No entanto, para o leitor do *The New York Times* a alusão deve ir além.

Entre os anos de 2016 e 2020 vários veículos da imprensa americana, e em especial o *The New York Times*, publicaram matérias sobre um *cartoon* que foi apropriado pelos movimentos de extrema direita dos Estados Unidos. A *catchphrase*, o bordão de Pepe, the Frog (Pepe, o Sapo), é "*Feels Good*". Circulando no mundo inteiro através de memes, Pepe foi tornado símbolo do discurso de ódio, intolerância e da supremacia branca que apoiou a eleição de Donald Trump em 2016 – aliás, diz-se que seria seu meme favorito. Uma notícia do jornal O Globo de 2019[3] reporta que adesivos do sapo, incluído em uma lista internacional de símbolos de ódio, estavam sendo colados pelas faculdades do Brasil, em clara provocação a setores tradicionalmente de esquerda.

[3] Época e O Globo. *Símbolo da direita radical americana, sapo 'Pepe' surge em universidades brasileiras.* Disponível em https://oglobo.globo.com/epoca/simbolo-da-direita-radical-americana-sapo-pepe-surge-em-universidades-brasileiras-23674678 . Acesso 10 jan 2024.

O artigo do *The New York Times* que descreveu as danças de Neymar em apoio ao ex-presidente Bolsonaro (exemplo 23) fora publicado quatro dias antes do transcrito em (24). Ainda que o leitor do jornal não o tenha lido, este destaque intertextual do "*feel good*" de Brown pode levá-lo a preencher a lacuna interdiscursiva que ligaria Neymar a *Pepe, the Frog*, consequentemente também a uma ordem de discurso de ideologias radicais. Não à toa, o *The Washington Post* representou e reiterou Bolsonaro como o "Trump dos trópicos" (exemplo 3).

A dança não é só manifestação política, mas inerente ao próprio jogo de futebol, aparecendo especialmente nas comemorações de gol (exemplos 25 e 26). Desta forma, a dança também serve como metáfora para referir e conceptualizar o futebol brasileiro como arte (FUTEBOL É DANÇA, JOGAR É DANÇAR), como ilustram os exemplos (2) e (27).

> (25) *Roy Keane did not like it but when Brazil's players – and the coach, Tite – **celebrated** scoring against South Korea in their last-16 victory on Monday by performing Richarlison's trademark **pigeon dance**, they were following a historic tradition that represents the very soul of the Seleção. **Samba**, which has its roots in Angola and the Democratic Republic of Congo via the African slave trade, and football were adopted by Brazil's working classes just as Da Guia was making his international debut in 1931. According to Brazilian sociologist Gilberto Freyre, the distinctive style of play Brazil has become known for comes from the indelible link between the two. "In football, as in politics, a feature of the Brazilian racial blend is a taste for bending the rules, an element of surprise or frills that calls to mind dance steps and the **Capoeira**," he wrote in the 1940s.* (GUA, 06 dez 2022)
>
> (26) ***Samba** in the soul: Brazil's **dancing celebrations** part of a rich tradition* (GUA, 6 dez 2022) [Samba na alma: as celebrações dançantes do Brasil fazem parte de uma rica tradição]
>
> (2) *The legendary Brazilian winger Garrincha saw opposing defenders as interchangeable nonentities, whose job was to act as his straight men – "Joãos" (Johns), he called them – and Neymar plays in that spirit. It outrages him when some João **spoils his dance** with a foul.* (FT, 23 nov 2022)
>
> (27*) In Qatar, starting with Brazil versus Serbia on Thursday, Neymar is **dancing** in another competition.* (FT, 23 nov 2022) [No Catar, começando pelo Brasil contra a Sérvia, na quinta-feira, Neymar dança em mais uma competição.]

O texto do *The Financial Times* (exemplos 2 e 27) compara o talento driblador de Neymar ao de Garrincha – vencedor de duas Copas (1958 e 1962), porém reconhecidamente uma figura trágica (talvez em alusão ao potencial não realizado de Neymar). Tanto este veículo quanto o *The Guardian* (exemplos 25 e 26) associam o futebol brasileiro aos termos "samba" e "capoeira", recorrendo a elementos reconhecidamente típicos da cultura brasileira para

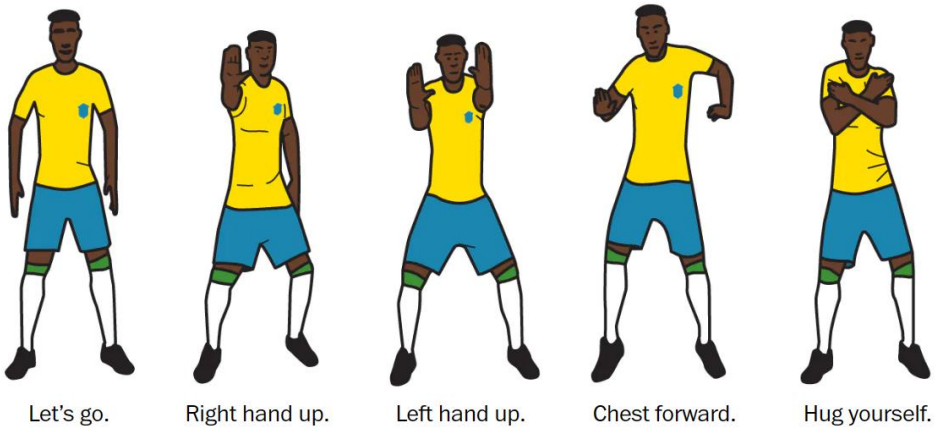
comentar a tradição festiva em torno das conquistas do futebol. Como vimos acima, este mesmo artigo abre mencionando a dança de Neymar em apoio ao ex-presidente, após o que conecta a dança à sua participação na Copa.

Figura 1. *Samba in the soul: Brazil's dancing celebrations part of a rich tradition*

Fonte: GUA, 6 dez 2022.

Em resposta a um comentarista de futebol da TV inglesa, o ex-jogador irlandês Roy Keane, o artigo do *The Guardian* (exemplo 25) aborda a influência da dança e música africanas no estilo de jogo brasileiro, cita a miscigenação racial na obra de Gilberto Freyre para explicar os elementos de surpresa na dança e nos passos da capoeira, e faz referência a um caso de racismo sofrido por Vinicius Jr. meses antes por celebrar um gol dançando durante partida do campeonato espanhol. No entanto, mais uma vez, o *The Washington Post* (9 dez 2022) vai mais a fundo e, além de uma defesa da expressão celebratória dos jogadores brasileiros, traz ilustrações animadas (*gifs*) que ensinam os passos da dança:

Figura 2. *Allow this story about dancing Brazilian players to make your day*




Fonte: The Washington Post (9 dez 2022)

A propósito desse artigo, classificado pelo jornal como "coluna visual", não podemos deixar de notar que a dança na Figura 1 que estampou diversas notícias em jornais mundo afora aparece aqui, ilustrada na Figura 2, com um único personagem negro, uma escolha que pode servir como tradução intermodal do caso de racismo sofrido por Vinicius Jr. por suas celebrações dançantes na liga espanhola. Estas matérias se apresentaram em oposição a opiniões que viam na dança brasileira um escárnio com o adversário. Não foi. E na verdade estes textos acertadamente dedicaram-se a explicar a espontaneidade da dança nas comemorações brasileiras como parte de uma história multicultural e de tradições populares.

Com a eliminação da seleção brasileira para a equipe da Croácia, em 9 de dezembro de 2022, o jornalista especializado em futebol Rory Smith abre sua resenha da partida utilizando a metáfora da dança, porém agora em chave negativa.

> (28) *Once more, then, Brazil's World Cup* **ends in the dance** *the country has come to know better than any other. (...) fingers were already being pointed, the blame being assigned.* (NYT, 10 dez 2022) [Mais uma vez, a Copa do Mundo do Brasil termina na dança que o país passou a conhecer melhor do que qualquer outro. (...) apontaram-se dedos, distribuíram-se culpas.]
>
> (29) *And so here it is again, back* **in that same old dance**, *facing the prospect of having to start afresh once more, trying to find a path up the mountain even as the summit seems further away than ever.* (NYT, 10 dez 2022) [E aqui vai o Brasil de novo, de volta à mesma velha dança, encarando a realidade de ter que começar de novo, tentando encontrar um caminho para subir a montanha, mesmo quando o topo parece mais distante do que nunca.]

Soa quase como uma condenação ao limbo das equipes que participam da Copa conscientes de que dificilmente – talvez jamais – chegarão a conquistar o mundo através da Copa. O que o Brasil já fez em 5 momentos e permanece inigualado na história pouco parece importar nestes textos sobre a eliminação do Brasil. É uma ruptura considerável com o tom celebratório e festivo dos artigos anteriores, o que se reflete pelos demais veículos. E o veredito interdiscursivo que remete a fracassos anteriores:

> (30) *The Brazilians* ***once again*** *delivered disappointment.* (WSJ, 10 dez 2022) [**Mais uma** decepção do time brasileiro.]
>
> (31) *Brazil Feels* ***the Familiar Sting of Failure*** (NYT, 10 dez 2022) [Brasil sente a dor familiar do fracasso]

No período de duas semanas até a eliminação na Copa do Mundo o Brasil passa da representação mais valorizada – a da elite e do favoritismo – para "a dor familiar do fracasso". Embora a derrota seja comum a todos participantes de qualquer competição, o caso brasileiro suscita um certo fatalismo acrescido de um vaticínio pessimista, como no exemplo (29): "o topo parece mais distante do que nunca". Esta oscilação entre o futebol sublime e o fracasso comprova nossa hipótese de heterogeneidade nos discursos sobre o Brasil, com representações atravessadas por formações discursivas heterogêneas e mesmo divergentes. Com estas notas finais quase trágicas sobre a participação abreviada da seleção não podemos deixar de pensar no complexo de vira-latas pelo qual Nelson Rodrigues (1993, p. 72-73) interpretava a falta de confiança do brasileiro em alcançar conquistas futebolísticas e sociais devido a um sentimento de inferioridade diante das nações desenvolvidas. Como já dissemos, as representações do Brasil realizam uma fusão entre jogadores e políticos; assim, mesmo com a improvável vitória, esta seria protagonizada por uma espécie de "pária", um sapo que diz "*feels good*" enquanto canta e dança para discursos de ódio. Haveria como "curar feridas" neste cenário? Haveria realmente como chegar ao topo enquanto nossos discursos, identidades e práticas estão na boca de um sapo?

## Considerações finais

A heterogeneidade lexical que traz a língua portuguesa a textos de língua inglesa sobre nosso futebol e sociedade representa um espaço discursivo conquistado pela história de triunfos futebolísticos do Brasil. O país detém um capital simbólico no futebol que lhe confere uma posição hegemônica na histórica do esporte e na memória dos povos que o acompanham. Com cinco conquistas ainda inigualadas em Copas do Mundo, o "jogo bonito" é um traço de distinção e prestígio no futebol global, fazendo com que as palavras em português associadas à cultura onde o estilo único do futebol brasileiro se originou façam emergir ao leitor de língua inglesa imagens lúdicas, festivas, que remetem à dança e elementos dionisíacos associados com um modo brasileiro de ser. Enquanto nossa língua recebe o aporte de várias palavras do mundo anglo-americano em sua maioria relacionadas à ciência, negócios e tecnologias, possivelmente para o leitor do hemisfério norte nossas palavras seguidas de explicações e referências inusitadas sugerem um deleite esportivo-cultural um tanto exótico.

Pelo exercício crítico, numa leitura mais profunda, podemos interpretar essas representações do Brasil por um viés ideológico que atende a interesses maiores que a mera crônica esportiva. De fato, o espaço dado pelos jornais estrangeiros que estamos analisando é, em grande medida, controlado através de representações que possam servir a seus interesses, corporativos e/ou econômicos, como é o caso da Nike, ou políticos, como é o caso da analogia entre Bolsonaro e Trump (exemplo 3).

Historicamente, o Brasil é uma peça relevante no imaginário do jogo geopolítico mediado pelos grandes veículos de comunicação do ocidente através de seus textos. Em seu trabalho ideológico, estes veículos produzem representações cujos eventuais interesses políticos e mercadológicos não são transparentes. Assim, estes textos tanto naturalizam estas representações aos seus leitores quanto recorrem a elas para interpretar informações e processos sociais e políticos que se desdobram ao longo do tempo, por exemplo, as mobilizações sociais que constroem a polarização político-ideológica que analisamos nos recortes acima. Com efeito, estes discursos tanto se referem quanto se projetam e constituem o real e, neste trabalho, podemos observar

como o futebol brasileiro é um vetor de sentidos políticos e sociais oferecidos aos leitores de forma que estes possam tomar o estado de coisas do país pela crônica de seu futebol, como registrado em nosso *corpus*, "*Brazil is football and football is Brazil*" (NYT, 9 dez 2022).

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media and Discourse**. London: Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 2nd ed. New York: Taylor & Francis, 2001 [1989].

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001b.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. Textual analysis for social research. New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. CDA as dialectical reasoning. In: FLOWERDEW, John; RICHARDSON; John E. **The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies**. London: Routledge 9-20, 2018.

GOLDSCHMITT, Kariann. "Joga Bonito Pelo Mundo, Guerreiro": Music, Transmedia Advertising, and Brasilidade in the 2006 World Cup. **Popular Music and Society**, 34:4, 2011, 417-436. DOI: http://doi.org/10.1080/03007766.2011.601572.

LAKOFF, George. Conceptual Metaphor. In: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlim/New York: Mounton de Gruyter, 2006, p. 185-238.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

PELÉ (with Brian Winter). **Why Soccer Matters**: A Look at More Than Sixty Years of International Soccer. New York: Celebra, 2014.

PEREIRA, Deize Crespim. As metáforas do futebol brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8. São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP, 2006, p.113-143. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p113-143.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (org.). **Methods of Critical Discourse Studies**. 3rd ed. London: Sage, 2016, p. 01-22. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284725923_Methods_of_Critical_Discourse_Studies_3rd_edition.